

Fortes D'Aloia & Gabriel

Carpintaria

Rua Jardim Botânico 971 | 22470-051 Rio de Janeiro Brasil

T +55 21 3875 5554 | www.fdag.com.br

Carta Serpente para um corpo porvir

Catarina Duncan

CANTO I

“Quando nascemos no mundo recebemos cada gota de vida que nos antecede: uma gota de nossa mãe, outra de nossa avó, e assim por diante forma-se o milagre líquido e amniótico no qual vivemos. Respiramos o orvalho uterino e ouvimos os rumores das partículas aquosas ancestrais que compartilham conosco os anseios da nova vida, neste atlântico umbilical.”¹

Peço licença, aos meus mais velhos e aos meus mais novos, de todas as espécies que coabitam o mundo, reconheço a vida que há em tudo. Peço licença para abrir os caminhos dos encontros, para criar essa carta em direção a um organismo que se forma, mas que ainda não existe. Escrevo a partir de vestígios de memórias do que ainda está por vir, uma composição, uma dança, entre muitas vidas, muitas gotas, que formam um corpo só. Seja bem-vinda beijo vida, de terra e sol, e outras tecelagens.

Você ainda não existe, está em processo de gestação e formação. Conheço as ideias que te criam mas ainda não te toquei, nem te senti, nem te vi. Você é para mim a possibilidade de imaginar a confluência de um processo artístico, que se dedica à natureza como princípio, que se conecta com o todo. Imagino você grande, com cheiros, com cores, movida pela força de um beijo, constituída por corpos-cerâmicos, por pequenos seres elementais, pelo azul atlântico e pelo poder das ervas sagradas. Você surgiu de um lapso, de um estalo, de um atravessamento e está sendo feita por muitas mãos. Compartilhei desejos e trocas que te fizeram criar, mas nada disso se materializou ainda. Escrevo a partir da imaginação, mas me falta sentir o corpo, a temperatura e a força que te fazem obra no mundo. Não acredito que nada um dia esteja pronto, considerando que não existe fim, vou entender você sempre como processo.

Vou te contar um pouco do que passa por aqui, nesse mundo que você já está chegando. Penso sobre a diferença intransponível entre todos os seres vivos, por aqui cada um vive uma coisa, nunca teremos a mesma experiência sobre nada, cada corpo vive e sente a partir do que já tem. Não somos iguais. Mas seguimos nos perguntando sobre o que é comum a todos nós. Talvez seja a Sol e a Terra mesmo, se esquecermos um pouco das divisões humanas, tudo cabe. Você é fruto do encontro da Só com a Té, você é caminho e meio. Em volta do seu corpo habitam dois tipos de conhecimento – ‘triangalhos’ e ‘entidades tecelãs’, você ecoa o som de um corpo que vibra, você nos conta histórias.

Um universo imenso habita o espírito do artista que está te gestando, certa vez ele me disse; “tem muito barulho dentro da minha cabeça”. Fiquei imaginando todas as forças que se comunicam através do corpo dele. Todos temos canais, mas nem sempre acessamos. Você que está por vir também será canal. Essa polifonia na cabeça do artista produz mundos através da arte. Eu acredito em arte, acredito em você e no seu potencial transformador. Eu acredito na vida e no encantamento. Você enquanto obra, enquanto exposição, ainda não existe, mas surge dessa cosmologia própria de um artista pluriverso, grande contador de histórias.

Ouvi muitas histórias sobre a sua criação – a história da chegada da vida na terra, a história das aranhas – entidade tecelã, a história das sementes que caíram assim, história do entrelaçamento, simbiosaber, a história

1. Íporí, Maya Quilolo

do beijo, um momento de encontro, entre Neto e Lili, entre Terra e Sol, entre as duas forças primordiais na formação do que somos. Com uma mão na água dentro da terra e uma mão na luz do fogo sol – nascem as árvores, criam raízes e brotam em folhas, esses seres nos conectam com o todo. Seríamos todas árvores? O encontro entre a terra e o céu se faz na água do mar, grande Kalunga, mistério. Somos moléculas influenciadas pela lua, criando fluxos de marés entre as águas de dentro e de fora. Você se apresenta como um talismã, você se faz pele, epiderme e promove encontros de mundos – interno e externo. Somos paisagem.

Quando se escreve sobre uma obra, também a transformamos um pouco. Eu já estou te transformando mesmo antes de você existir, espero que me perdoe por isso, mas também te recebo de braços abertos, para que possa ser o que se é, sempre. Estou sendo transformada por você também mas ainda não nos conhecemos. Quais são os níveis de abstração que podemos adentrar? Você nasceu de gestos, muitas pessoas moveram as mãos para que você existisse, moldando a matéria do barro, manuseando tecidos, caminhando com as linhas. Você ainda está em gestação, sendo preparada para vir ao mundo.

Para acompanhar esse nascimento foi convocada uma entidade tecelã, que cria o mundo enquanto se cria, forjando teias que brotam de dentro, conectam e integram nos lembrando que nada existe em isolamento. Cada parte do seu corpo tem um nome – eu nasci assim, jiboia passeia na floresta, vermelho fogo, terra, vento, sol e mar, que linda que tu é, desliza tempo, desliza devagar, parabolando o tempo por aí, dois triângulos e uma reta, sementinha coração, duas geometrias – um mesmo coração. Entre a mão e a matemática, entre a biologia e o sagrado, entre o que sobe e o que desce você vibra e se materializa em escultura, canto, desenho, divindade e prece.

Você é uma forma de vida insistente, que precisa de passagem para mudar as estruturas vigentes, transgredir o horror e produzir encantamento como ato político. O mundo que você está vindo anda adoecido. Penso que toda poética é política e precisamos construir soluções a partir da escuta. Somos imperfeitos, mas existe o diálogo. Não há separação, entre fazer e pensar, entre viver e amar. Nós escutamos, enquanto nossos corpos recebem. Nada é feito sem motivo, tudo está conectado.

Conceber uma obra é um ritual, por trazer a relação da crença com formas de expressão, um ato artístico que contém um significado cotidiano – de cura e de transformação. Há um impulso que te faz obra, mas você ainda não nasceu, você está vindo para que conecte tempos e transforme todas as pessoas envolvidas e o mundo. Me disseram certa vez que cura não existe, o que existe é o movimento em direção a cura. Essa exposição, que ainda não existe, esse texto que ainda não existe são esse movimento, do corpo para o mundo. Você é uma reza, e como diz o Neto, “Fazer uma escultura é um ato de amor”.

Esse canto continua, seguiremos nos correspondendo, depois que você chegar. Até logo.